

Prefácio

Não só no mundo dos negócios, mas também no das ideias, promove o nosso tempo *ein wirklicher Ausverkauf*³. Tudo se adquire por um preço tão irrisório, que nos resta perguntar se haverá alguém que acabe por fazer uma oferta. Qualquer *marqueur*⁴ especulativo que conscienciosamente aponte o assinalável percurso da filosofia mais recente, qualquer professor livre, assistente, estudante, alguém que esteja por dentro ou por fora da filosofia⁵, ninguém pára para duvidar de tudo, antes avança⁶. Seria porventura inoportuno e extemporâneo perguntar-lhes onde pensam que vão propriamente chegar, mas é sinal de cortesia e modéstia aceitar como facto consumado que duvidaram de tudo, pois caso contrário soaria estranho dizer que «avançaram». Todos fizeram este movimento preliminar e presumivelmente com tanta facilidade, que nem consideraram necessário deixar cair uma palavra sobre

³ Em alemão no original: «uma verdadeira liquidação».

⁴ Em francês no original: «marcador» de pontos obtidos por jogadores em especial no bilhar.

⁵ «Udflytter og Insitter» designava o camponês que vive fora dos limites da aldeia e o rendeiro ou o aldeão que reside dentro do perímetro de uma propriedade sua ou de terceiros. O termo «Indsitter» designa também «pessoa caseira».

⁶ A expressão «gaa videre», «ir mais longe», «avançar» ou «seguir em frente», foi inicialmente utilizada por Hans Lassen Martensen (1808-1884) para sublinhar quer a necessidade de ultrapassar a dúvida metódica cartesiana, quer o modo como os filósofos dinamarqueses de matriz hegeliana ultrapassavam várias propostas da filosofia hegeliana (vd. adiante nota 77). Encontra-se em *Postscriptum Conclusivo, Não-Científico, às Migalhas Filosóficas*, de 1846, o aprofundamento da crítica kierkegaardiana à ultrapassagem da fé como imediaticidade. Não obstante, em *Temor e Tremor*, torna-se fundamental para a compreensão da fé de Abraão a ideia de que a fé é de natureza imediata, ou seja, que não tem de ser determinada ou justificada racionalmente.

o assunto; pois nem mesmo aquele que angustiado e inquieto procurasse um pequeno esclarecimento encontraria uma coisa parecida, um alvitre sugestivo, uma pequena regra dietética, sobre como proceder perante esta monstruosa tarefa. «Mas não foi isto que Cartesius⁷ fez?» Cartesius, um pensador venerável, humilde e honesto, cujos escritos ninguém é seguramente capaz de ler sem a mais profunda comoção, fez o que disse e disse o que fez. Ai! Ai! Ai! Que grande raridade é esta, a do nosso tempo! Cartesius, como ele próprio repete bastante amiúde, não duvidou no que diz respeito à fé. («*Memores tamen, ut jam dictum est, huic lumini naturali tamdiu tantum esse credendum, quamdiu nihil contrarium |102| a Deo ipso revelatur ... Præter cætera autem, memoriæ nostræ pro summa regula est infigendum, ea quæ nobis a Deo revelata sunt, ut omnium certissima esse credenda; et quamvis forte lumen rationis, quam maxime clarum et evidens, aliud quid nobis suggerere videretur, soli tamen auctoritati divinæ potius quam proprio nostro judicio fidem esse adhibendam. Cf. Principia philosophiæ, pars prima §28 e §76*»⁸. Não lançou o grito de «Fogo!», nem impôs a todos o dever de duvidar, uma vez que Cartesius era um pensador tranquilo e solitário, e não um guarda-nocturno vociferante; fez saber com alguma modéstia que o seu método tinha significado só para si mesmo e que em parte tinha fundamento na desordem dos seus conhecimentos anteriores. (*Ne quis igitur putet, me hic traditurum aliquam methodum, quam unusquisque sequi debeat ad recte regen-*

⁷ Nome latino do filósofo e matemático francês René Descartes (1596-1650).

⁸ Em latim no original: «[...] lembrando-nos, contudo, como já foi dito, que só devemos acreditar no que conhecemos por meio desta luz natural enquanto nada contrário for revelado pelo próprio Deus (§28). Para além do que foi dito, deve gravar-se na nossa memória como regra suprema desta, a saber: que se deve acreditar, como sendo as mais certas de todas, naquelas coisas que nos foram reveladas por Deus. E ainda que porventura a luz da razão parecesse sugerir-nos algo sumamente claro e evidente, contudo devíamos dar fé ao sol da autoridade divina de preferência ao nosso juízo (§76).» Tradução de Leonel Ribeiro dos Santos (Descartes, *Princípios de Filosofia*, Lisboa, Editorial Presença, 1995, págs. 70 e 100). Durante o período imediatamente anterior à génese de *Temor e Tremor* e de *A Repetição*, Kierkegaard ocupou-se de uma pequena novela *Johannes Climacus eller De Omnibus dubitatum est: En Fortælling* [Johannes Climacus ou é preciso duvidar de tudo: uma história], um projecto abandonado no qual se discutem tópicos que foram posteriormente abordados nas duas obras já mencionadas e em *Migalhas Filosóficas*, tais como a repetição e a recordação, a reflexão como sendo a forma desinteressada de pôr em prática a possibilidade do saber (o «saber», «Viden», como em alemão «Wissen», reúne o processo de «conhecer» ao produto «conhecimento») e o lugar da dúvida na meditação filosófica sobre o Cristianismo e na meditação cristã sobre a filosofia.

*dam rationem; illam enim tantum, quam ipsemet secutus sum, exponere decrevi... Sed simul ac illud studiorum curriculum absolvi (sc. juventutis), quo decurso mos est in eruditorum numerum cooptari, plane aliud coepi cogitare. Tot enim me dubiis totque erroribus implicatum esse animadverti, ut omnes discendi conatus nihil aliud mihi profuisse judicarem, quam quod ignorantiam meam magis magisque detexissem. Cf. *Dissertatio de methodo*, págs. 2 e 3)⁹. Aquilo que os antigos gregos, também tendo portanto um razoável entendimento da filosofia, aceitavam como uma tarefa para toda a vida, porque a prática de duvidar não se adquire em dias ou semanas; o que alcançou o velho lutador já retirado que conservara o equilíbrio da dúvida contra todas as armadilhas, negando sem medo a certeza da verdade e a certeza do pensamento, e desafiando sem vacilar a angústia do amor-próprio e as insinuações da compaixão — é aí que no nosso tempo todos começam.*

No nosso tempo ninguém fica parado na fé, antes avança. Perguntar para onde se dirigem seria porventura uma temeridade; inversamente, é um claro sinal de boas maneiras e de boa-educação que eu parta do princípio de que todos têm fé, pois caso contrário seria estranho dizer: avançar. Nesses dias antigos tudo era diferente, a fé era uma tarefa para a vida inteira, pois aceitava-se que a capacidade de acreditar não [103] se adquiria nem em dias, nem em semanas. Quando o experimentado ancião se aproximava do fim, tendo combatido o bom combate e guardado a fé¹⁰, o seu coração mantinha a juventude necessária para não ter esquecido essa angústia e esse estremecimento que disciplinaram o jovem, angústia e sofrimento que sem dúvida dominara já quando adulto, mas que homem algum ultrapassa todavia por inteiro — a menos que houvesse de conseguir avançar tão cedo quanto possível. O ponto alcançado por essas veneráveis figuras é o ponto de onde todos no nosso tempo partem para avançar.

⁹ Em latim no original, na tradução de Newton de Macedo (Descartes, *Discurso do Método, As Paixões da Alma*, Lisboa, Sá da Costa, 1973, págs. 6-7): «Assim, o meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha. [...] Mas logo que terminei este ciclo de estudos, no termo do qual é costume ser-se acolhido no meio dos doutos, mudei inteiramente de opinião: porque me parecia não ter tirado outro proveito, ao procurar instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. Cf. *Discurso do Método*.»

¹⁰ Alusão à Segunda Epístola de Paulo a Timóteo, 4:7: «Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.»

O presente autor não é de todo filósofo, não entendeu o sistema, nem se o sistema existe ou se já acabou; atendendo à sua fraca cabeça, basta-lhe já ter na ideia quão monstruosa tem de ser hoje em dia a cabeça de cada um para conter uma ideia igualmente monstruosa. Apesar de se encontrarem reunidas as condições para transpor todo o conteúdo da fé para a forma de conceito, tal não levou a que se entendesse a fé, a que se entendesse como se entrou na fé ou como a fé entrou em cada um. O presente autor não é de todo filósofo, *poetice et eleganter*¹¹ é um escritor extra-ordinário¹² que nem escreve o sistema nem as *promessas* sobre o sistema¹³, que nem *subscrive* o sistema, nem se *inscreve* no sistema¹⁴. Escreve porque isso é para si um luxo que ganha tanto mais em evidência e comodidade, quanto menos forem aqueles que comprarem e lerem o que ele escreve. É para si fácil prever o seu destino numa época em que para servir a ciência se traçou um risco sobre a paixão, numa época em que um autor que queira ter leitores terá de prestar atenção e escrever de maneira a poder ser folheado confortavelmente durante a sesta; terá de cuidar no esmero da sua apresentação, à semelhança desse atencioso ajudante de jardineiro no *Adresseavisen*¹⁵, que se recomenda agora ao respeitável público de chapéu na mão e portador das boas referências do lugar onde por último serviu¹⁶. Como seu destino, o presente autor antecipa que virá a ser completamente ignorado; presente o temível — a crítica invejosa repreendê-lo-á várias vezes como a um aluno de escola;

¹¹ Em latim no original: «de uma maneira poética e elegante».

¹² A palavra utilizada, «Extra-Skriver», designava um funcionário administrativo ou secretário que desempenhava funções apenas em caso de excesso de trabalho e, neste sentido, extraordinárias.

¹³ A ideia de «promessas do sistema» alude ao final inconclusivo de uma obra de introdução à lógica hegeliana do filósofo dinamarquês Rasmus Nielsen (1809-1884), *Den spekulative Logik i dens Grundtræk* [A Lógica especulativa nos seus fundamentos], Copenhaga, 1841-1844. Kierkegaard ironizara anteriormente sobre o assunto num artigo publicado no jornal *Fædrelandet* [A Pátria], n.º 904, de 12 de Junho de 1842, intitulado «Aabenbart Skriftemaal» [Confissão aberta].

¹⁴ As expressões aqui usadas, «forskriver sig paa» e «forskriver sig til», podem também denotar respectivamente «subscriver um documento» (ou «escrever a favor de uma pessoa ou causa», neste caso, a filosofia hegeliana) e «vender a alma ao diabo».

¹⁵ *Adresseavisen* [O Jornal de Anúncios] foi o jornal de Copenhaga que deteve o monopólio da publicação de anúncios de interesse público entre 1800 e 1854.

¹⁶ Trata-se de uma ilustração recorrente nos números do jornal *Berlingske Tidende* [Notícias de Berlim] nos anos de 1840 a 1843.

apavora-o uma coisa ainda mais temível — um qualquer diligente oficial de registos, um devorador de parágrafos (para salvar a ciência está sempre disposto a fazer com os escritos dos outros o que o magnânimo Trop, «para preservar o bom gosto», fez através da l104l «destruição da humanidade»¹⁷⁾ há-de esquartejá-lo em parágrafos e fá-lo-á com a mesma inflexibilidade desse homem que, para obedecer às regras da pontuação, dividia o texto contando as palavras de modo a colocar ponto final depois de cinquenta palavras, e ponto e vírgula depois de trinta e cinco. Curvo-me com a mais profunda subserviência perante todos os metediços sistemáticos¹⁸⁾: «Não é o sistema, não tem a mínima coisa a ver com o sistema. Imploro para que tudo de bom desça sobre o sistema e sobre os dinamarqueses interessados neste *omnibus*¹⁹⁾; pois nem sequer chegará a ser torre²⁰⁾. A todos, em geral, e a cada um, em particular, desejo felicidades e bênçãos.»

Respeitosamente

Johannes *de silentio*

¹⁷⁾ A personagem Trop pertence ao *vaudeville* de Johan Ludwig Heiberg (1791-1860), *Recensenten og Dyret* [O Crítico e a Besta] de 1826; Trop é um escritor que para satisfazer o gosto do seu público procede a cortes no texto de uma sua tragédia.

¹⁸⁾ «Posekigger», palavra justaposta a partir de «pose» («saco» ou «bolsa») e de «kigge» («ver»), era de uso corrente para designar o empregado alfandegário encarregado de revisar mercadorias e bagagens; a primeira valência do termo é «metediço», «bisbilhoteiro».

¹⁹⁾ Nome dos primeiros transportes públicos na cidade de Copenhaga em funcionamento a partir de 1840.

²⁰⁾ Recorde-se o seguinte passo de Evangelho de Lucas, 14:28-30: «Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se senta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele.»